

Habitação e urbanismo no Vale do Jequitinhonha

arquiteto Dalmy Motta Durante
IAB-MG

A Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha — CODEVALE — é uma autarquia estadual que tem por finalidade planejar, promover e coordenar o desenvolvimento integrado da bacia hidrográfica do Rio Jequitinhonha, em território mineiro. Sua área de ação abrange 52 municípios numa extensão de 71.552 km² onde vivem aproximadamente 750.000 habitantes. Desses 52 municípios, 11 estão situados na área comum SUDENE/CODEVALE. A região a cargo da CODEVALE representa 12,49% da superfície e 6,52% da população do estado de Minas Gerais e é uma das mais atrasadas do país, com índices ainda mais acanhados que os do Nordeste de algum tempo atrás.

Contando com equipe interdisciplinar, a CODEVALE em dois anos de atividades levantou detalhadamente e diagnosticou os problemas da região e cuida agora de promover o início de uma ação intesvada na área.

A matéria que apresentamos constitui parte do trabalho Habitação e Urbanismo no Vale do Jequitinhonha, de autoria do arquiteto Dalmy Motta Durante, integrante da equipe da CODEVALE.

São impressões pessoais, decorrentes da vivência com a região, da visita constante às suas cidades. Sem se prender ao detalhe, o trabalho mostra como a cidade reflete a economia do desenvolvimento da região e sobretudo a importância da participação do arquiteto na equipe de planejamento, mesmo em região onde há predominância da pecuária e da agricultura.

Habitação

Sem exagero, podemos afirmar que, principalmente do ponto de vista social, não existe nem habitação e nem urbanismo no Vale do Jequitinhonha, ainda que no mínimo desejável. Sem dúvida, o binômio habitação/urbanismo constitui, a rigor, quase simplesmente uma designação, maneira técnica de nomear o assunto, mas nunca um fato. Não há habitação, mas tetos; ao invés de arquitetura, simples construção. Não cidades, mas sedes de municípios. Também inexistente a demanda, a existência de conforto, o hábito, em decorrência natural do atraso da ignorância e da miséria. Gerações e gerações têm assistido o passar dos anos sem perspectiva, de relêvo, o que lhes condiciona o conformismo, a inércia e a desesperança. Meses e meses se passam sem uma nova obra sequer; evidência irrefutável a testemunhar as condições de vida de um povo que se empobrece. Muitas das cidades do Vale testemunham inequivocamente uma certa grandeza e esplendor de um passado já distante, e de um presente de completa estagnação, quando não há marcha-a-ré, do declínio inexorável.

Na zona rural, a condição de habitabilidade é a pior possível. Há a fazenda; a casa grande a sede e os ranchos.

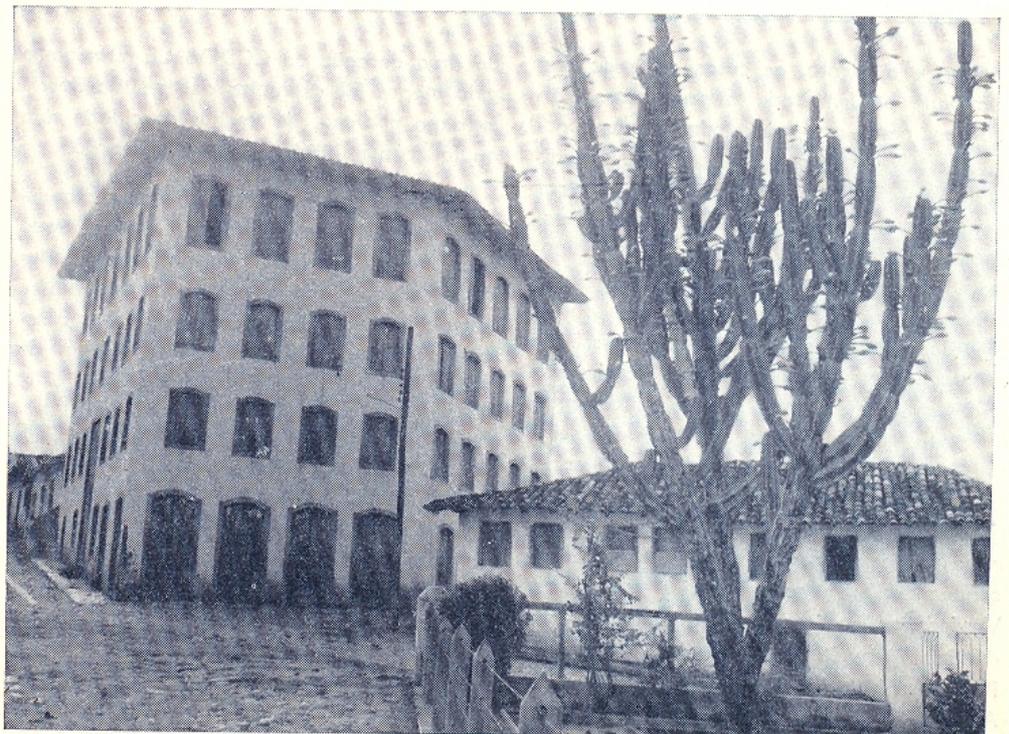
As próprias sedes das fazendas não oferecem, na sua maioria, grande conforto. Contudo, são construções robustas, com algumas características quase constantes, como a grande varanda, o porão, os pátios decorrentes da planta "U" ou "L", a cobertura geralmente bem feita com telhas coloniais. Predominam o azul e o branco, ou o rosa, cores por demais empregadas nas construções da época colonial, que nas Minas Gerais atingiram seu esplendor. Algumas em madeira e adôbe, outras em tijolo

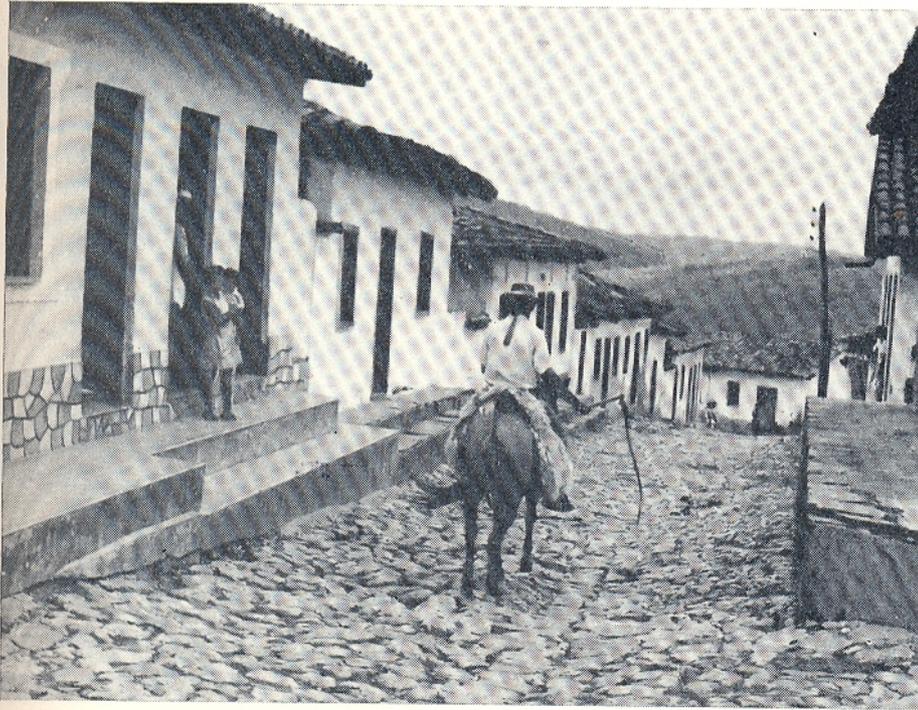
queimado; rebocadas e caiadas; os pisos de madeira, tijolos ou cimentados. Os fôrros são de madeira ou esteira de bambu. As soluções de planta variam. Porém, as grandes cozinhas e salas com quartos distribuídos ao seu redor são uma constante.

Estas casas nem sempre são ocupadas continuamente. Os fazendeiros têm também casas nas sedes dos municípios ou em outras cidades e passam, em geral, temporadas em uma e outra. Há o problema da educação dos filhos, das compras e atrativos dos centros maiores, a mesmice da vida de segregação no campo.

É, há os ranchos e as casas dos vaqueiros, espalhados pela propriedade ou próximos dos currais. É o pau-a-pique sem rebôco, com cobertura de capim, fôlhas de palincira e chão de barro batido ou simples apiloamento. O estado precário destas residências exclui até as mínimas condições de habitabilidade. A quase totalidade da população rural, cerca de 76% do global do Vale, mora nessas casas na maior promiscuidade. Nelas homens e crianças se misturam aos animais; servem-se da mesma água (quando há) e, juntos, se sujeitam aos mesmos perigos.

As cidades, ou como dissemos antes, as sedes dos municípios, não seriam exceções neste quadro desolador, mesmo as maiores, as mais populosas e as melhores. Suas habitações, na maioria, não trazem a marca do conforto mínimo. Não possuem água canalizada, luz elétrica, fôrro, aerção e iluminação e principalmente higiene. Estão longe em todos os seus aspectos da casa moderna, da "máquina de morar". Há evidentemente, algumas casas bem construídas, de desenho razoável. Mas são poucas, em relação ao global. O global é desanimador. Como não há a estrutura básica característica das cidades, isto é, a água, a





Aspecto urbano comum no Vale do Jequitinhonha. Observe-se a forma côncava da seção da rua que permite o escoamento de águas pluviais.

truidas. Como arquitetura, constituem um fato válido, tanto em qualidade como em quantidade. Há velhas e novas. Principalmente coloniais, como em Diamantina e no Sêro. Outras de estilo meio misturado, meio indefinido. E até modernas, como em Rubim ou Rio do Prado. Também ali ratificamos nossa fama de grandes construtores de igrejas. Lá estão elas como testemunho inequívoco do grande apoio do povo do Jequitinhonha: a fé.

Os povoados e mesmo a zona rural não constituem exceções nesse particular. Possuem igualmente suas igrejas. Construídas em honra do padroeiro, ou com pagamento de uma promessa, ou mesmo como sólida

plataforma eleitoral. Nas próprias estradas, não raro, encontramos pequenas capeias. De modo geral, as igrejas, e, principalmente, as capelinhas, guardam aquelas linhas que marcam nossas construções do passado e que tanta fama nos trouxeram, constituindo seu ponto mais alto, senão mesmo seu maior encanto.

Urbanismo:

Conforme afirmamos, não existe urbanismo no Vale do Jequitinhonha, pelo menos, como deve ser entendido. Não temos ainda na região qualquer notícia de planejamento urbano.

As cidades são espontânea. As origens quase sempre as mesmas. De um lado, entroncamento de rotas comerciais, pousos, atividades extrativas fixando núcleos pioneiros; postos militares guardando os rios diamantíferos ou civilizando índios ou, ainda, pontos de parada ante um obstáculo maior. De outro, sob o impulso da pecuária e da agricultura, da penetração baiana. Assim apareceram os povoados, células iniciais das atuais cidades do Jequitinhonha.

Os sítios, sempre em cota superior, eram localizados às margens dos rios, as melhores estradas da época. Aliás, constitui quase uma constante no Jequitinhonha o rio na periferia das cidades. Contudo, há sítios urbanos localizados em uma sinuosidade, ou entre dois rios, restringindo a expansão de muitas cidades e acarretando, ainda hoje, problemas sérios devido às cheias.

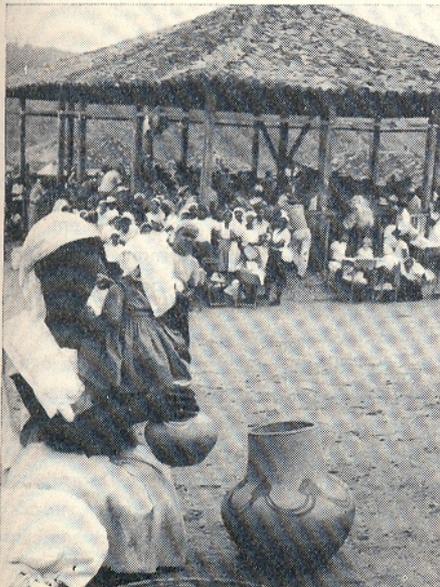
Desta maneira, em muitos casos com peripécias interessantes, formaram-se ao longo da imensa calha do Jequitinhonha e seus afluentes, os aglomerados humanos e urbanos.

De uma ou de outra maneira, estes primeiros núcleos se transformaram em povoados, em vilas e em cidades, uma coisa, entretanto, é comum a todos eles: os traços marcantes de uma população ruralizada. É o predomínio quase absoluto das funções agro-pecuárias sobre os reflexos das atividades urbanas.

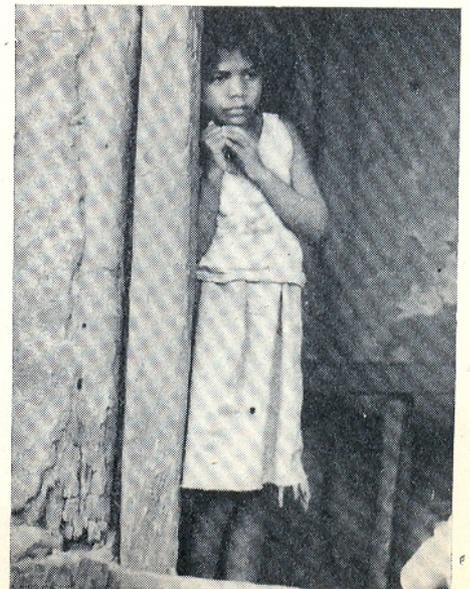
Inexistem atividades industriais capazes de suportar ou mesmo promover um ritmo marcante de urbanização, refletido no comércio e nos serviços de modo geral.

Não há nas cidades do Vale os equipamentos urbanos característicos, na verdadeira acepção do termo. Quando existem estão muito aquém do mínimo desejado tendo em vista seu suporte econômico — pensar em ruas bem pavimentadas, belas praças, clubes, praças de esporte, áreas de recrea-

Berilo. O mercado no dia da feira.



Tôrre da matriz de Chapada do Norte.





Igreja em Chapada do Norte.

ção, um pequeno e adequado zoneamento, mesmo nas cidades maiores. Lamentamos, porém, a falta do básico, da água, da luz e do esgoto. Por esta razão, enfatizamos; a rigor, não há cidades no Vale do Jequitinhonha; há sedes de municípios.

Em qualquer região desenvolvida, diferenciamos a zona urbana da zona rural, além do aspecto físico, justamente pela condição de maior conforto de que se desfruta na cidade. No Jequitinhonha, esta diferenciação raramente existe, pois meio rural e zona urbana se interpenetram com reflexos na própria paisagem, no físico. As cercas

das fazendas quase sempre marcam os limites da zona urbana.

Poucas são as cidades que possuem rede de esgotos. Há pequenos trechos, feito de modo empírico, com tubulação insuficiente. Não possuem tratamento e apresentam entupimentos ou vazamentos.

Predomina em quase todas as cidades o sistema de fossas "secas", diretas. Estas deixam muito a desejar, pois não há preocupação com o seu afastamento das cisternas, cu com a situação de seus níveis em relação aos das fontes d'água. Nem a ventilação superior da fossa, nem o isolamento inferior

! Tipo de habitação comum na zona rural.



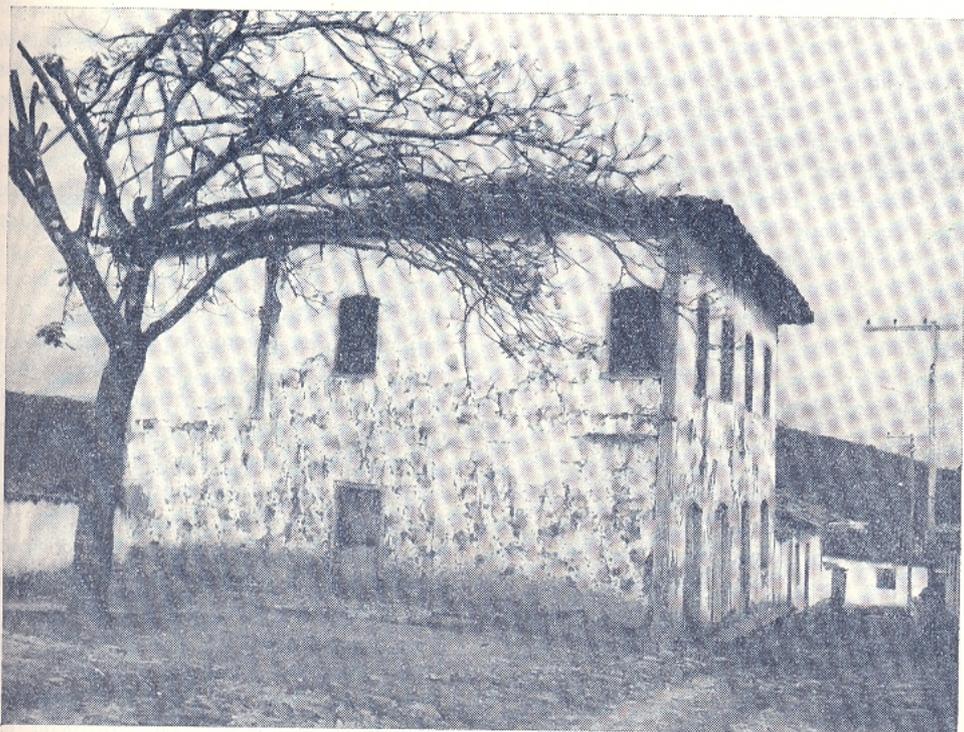
constituem preocupação. Este descuido na higienização das fossas têm acarretado um sem número de moléstias.

O serviço de lixo, em poucas cidades, funciona regularmente. Na maioria, é jogado nos lotes vagos, nos fundos das hortas, ou não se sabe onde.

Os serviços de água apresentam as mesmas precaridades observadas para o serviço de esgoto. Os problemas são variados; às vezes há água, porém sem o tratamento requerido; outras vezes há o tratamento ou a caixa, mas não tem rede de distribuição. Ou se existe, com enormes deficiências. Em muitas cidades inexistente qualquer serviço d'água. Muito comum ainda é a utilização direta "inatura", da água dos rios, seja para o banho, para lavar os utensílios, a roupa, e mesmo para beber. É um quadro impressionante, chocante mesmo, para um espírito menos avisado.

Em algumas cidades do Vale do Jequitinhonha, as lavadeiras lavam sua roupa no córrego ou ribeirão utilizado como esgoto. E o fato é aceito mais ou menos com passividade. Também não há outra alternativa. Condições semelhantes observadas em vários outros setores transformam o homem do Jequitinhonha em um adaptado, ou em um búdico.

Perguntas nossas sobre o problema de água foram recebidas com espanto, uma vez que a cidade era banhada pelo próprio rio Jequitinhonha. Não há problema se o rio passa logo ali. Assim, como o Jequitinhonha, passam o Araçuaí, o Rubim, o São Francisco, o Barracão. E, possam também os anos...



Minas Novas, imagem de um passado próspero

A energia elétrica, a luz, não estão em melhores condições que a água e o esgoto. Desta forma, não estaríamos caindo em exagero ao afirmar que não existe luz elétrica nas cidades do Vale. Predomina a luz fornecida pelo motor, pelo "diesel", pela hidroelétrica precária. Das 18 às 22 ou 23 horas. Ou a luz dos candieiros e aladins. Em seguida, a escuridão total, para facilitar o horrível trabalho do "barbeiro" e outros companheiros seus.

Desta maneira, o tripé básico que caracteriza a cidade — água, luz e esgoto — é precaríssimo. Rigorosamente, é inexistente. Resta então um urbanismo de superfície. Há inúmeros outros problemas que desafiam os anos em quase todas as cidades. Como os mercados, e os matadouros, principalmente na área da pecuária. Quase sempre em ruínas. Construções de trinta anos ou mais, sem qualquer conservação. Sem sanitários. Aos pedaços. Os matadouros não mostram qualquer preocupação com a higiene, mesmo no mínimo, nem possibilitam um melhor aproveitamento do boi. Não há água nem tampouco meio de escoamento dos resíduos. Quando há o escoamento, este é feito para córregos ou rio à montante da cidade, o que piora a situação. Na maioria das vezes, o matadouro se reduz a um pequeno curral para o gado, em geral um pouco mais afastado da cidade, permitindo o abate clandestino.

Igualmente as escolas e outros prédios municipais se encontram em péssimas condições.

Ocorre aqui ou ali o loteamento especulativo, tão frequente em cidades maiores. Não importa como ou porque foi feito, se a cidade vai crescer.

Não se pensa no resto. Também ninguém conhece as conseqüências de loteamento desta natureza.

Os arruamentos da mesma forma se caracterizam pela improvisação e pelo empirismo. As prefeituras não dispõem de elemento técnico de qualquer espécie para estes trabalhos, que são feitos pelo próprio prefeito e sua assessoria eleitoral.

Estas as impressões mais marcantes que poderíamos alinhar sobre a arquitetura e as cidades de uma região que, embora situada no centro-sul brasileiro, está em franca regressão.

Somente após a transformação do suporte econômico e social do Vale será possível pensar-se na conseqüente mudança das condições sociais e físicas de suas cidades, isto é, de seu urbanismo e sua arquitetura.

Aqui, como sempre, a arquitetura retrata fielmente a cidade e a região, sua economia, sua civilização e cultura. No Jequitinhonha, na civilização do couro e do garimpo em declínio, a arquitetura e o urbanismo não poderiam ser de outra maneira.

